

Cannabis: uma questão de saúde pública

Ana Carolina de Paula Simões

Gabriel Matheus Ferreira Santos



Dando um rolê na Marcha da Maconha. Disponível em: <https://jornalcomunicacao.ufpr.br/dando-um-rolê-na-marcha-da-maconha/>. Acesso em: 16 maio 2024.

“Enquanto uns choram, outros vem e os devoram.

O meu pensamento não é como o seu.

Tabaco ou maconha, o que te envergonha?”

Mantenha o respeito - Planet Hemp

Na música "Mantenha o Respeito", de 1995, o grupo musical Planet Hemp critica o caráter conservador da população brasileira em relação à maconha. Fato é, no entanto, que desde então essa postura conservadora tem permanecido predominante, mesmo com a intensificação dos estudos sobre o uso medicinal da cannabis, os quais têm revelado significativos resultados positivos no campo da saúde.

É necessário observar, no entanto, que tal preconceito é um fenômeno de nossa era, sendo a utilização terapêutica desta erva muito mais antiga. Ela foi uma das primeiras plantas cultivadas pela espécie humana, empregada ao longo da história para fins ritualísticos, comerciais e medicinais. Destacam-se, por

exemplo, evidências arqueológicas do seu cultivo na China de 8000 a.C. A *cannabis* foi classificada como medicamento muito antes da era moderna, tida como eficaz no tratamento de epilepsia, dores e processos inflamatórios pelo considerado pai da farmacologia, Pedânio Dioscórides. Até o início do século XX, as farmácias norte-americanas vendiam remédios à base de *cannabis* e ela estava incluída no código oficial farmacêutico norte-americano, período em que era consumida por grupos de minorias sociais: árabes, chineses, mexicanos e afrodescendentes.⁵⁷

Esse perfil dos consumidores da maconha foi um dos motivos para o início das campanhas de criminalização nos Estados Unidos. Em 1910, ocorreu uma migração em massa de fugitivos da Revolução Mexicana. Esses imigrantes eram associados ao consumo de *cannabis*, fato que serviu como justificativa para a prisão e a deportação desses grupos minoritários.⁵⁸ Além disso, outra questão importante para essa criminalização foram os interesses econômicos. As indústrias de algodão e de *nylon*, por exemplo, estimularam campanhas proibicionistas, motivadas pela utilização da

⁵⁷ GRIECO, Mario. **Cannabis medicinal: baseado em fatos**. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

⁵⁸ *Ibidem*

cannabis como uma fibra para produzir tecidos, cordas, roupas e papel.⁵⁹

Durante o século XX, as campanhas antidrogas se espalharam por outros países que tinham influência norte-americana, sendo o Brasil um deles. Os negros, no cenário brasileiro, foram o público associado à maconha e, em 1929, ela foi classificada como uma droga ilícita⁶⁰. Dentro desse contexto, tal campanha proibicionista criou no imaginário popular, por meio de aparelhos ideológicos e midiáticos que persistem até hoje, uma imagem da *cannabis* como um grande mal que deve ser combatido. Essa construção ideológica, desde então, justifica a violência policial, a chacina nas favelas, o superencarceramento e outras graves consequências.

Dessa maneira, emergiu uma considerável barreira à permanência da utilização da *cannabis* enquanto agente terapêutico, em especial, no que tange aos seus princípios ativos, tetraidrocanabinol (THC) e canabidiol (CBD)⁶¹, os quais, não obstante os progressos na medicina, persistem enquanto uma das poucas opções para atenuar os sintomas associados a uma diversidade de doenças, como Alzheimer, Parkinson, isquemias cerebrais e artrite reumatoide. Não apenas como uma das opções, mas como uma das mais eficientes. O CBD, por exemplo, não induz à dependência nem provoca efeitos adversos, como sonolência, tontura, comprometimento da memória, ansiedade e

outras manifestações sintomáticas comuns em fármacos ansiolíticos.⁶²

E é justamente devido a essa excelência enquanto agente terapêutico que uma miríade de cidadãos confrontam o proibicionismo na busca por um tratamento digno. Tal é o caso de muitas mães e pais que batalham para garantir o acesso a medicamentos à base de *cannabis* para tratar doenças que acometem os seus filhos. Ayan, por exemplo, é uma criança de seis anos que experimentava até 5 episódios de epilepsia por dia, até que a sua mãe, Keila, conseguiu aprovação para utilizar a *cannabis* medicinal. A partir desse momento, o seu filho permaneceu livre de crises por mais de 220 dias seguidos. Apesar desse sucesso terapêutico, Keila reporta a persistência do estigma por parte de outras mães, professoras e até mesmo membros da comunidade médica.⁶³

Apesar disso, há importantes iniciativas atuais em matéria de avanço no uso da *cannabis* medicinal, como é o seu uso por atletas profissionais. Um marco para esse tipo de tratamento foi a retirada do CBD em 2018, pela Agência Mundial Antidoping, da lista de substâncias proibidas no esporte. Os outros

⁶² FRIAS, Eduardo *et al.* **O uso terapêutico do Canabidiol (CBD) em quadros de ansiedade e depressão: uma revisão bibliográfica.** São Paulo: 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/cda0f6ca-4a7a-430b-9127-cd1ff512b5a2>. Acesso em: 14 maio 2024.

⁶³ VIEIRA, Maria. **"Mães do canabidiol" lutam por remédio e contra o preconceito.** Piauí, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/maes-do-canabidiol-lutam-por-remedio-e-contra-o-preconceito/#:~:text=Eu%20precisei%20intervir,t%C3%AAm%20algum%20transtorno%20de%20desenvolvimento>. Acesso em: 15 maio 2024.

⁵⁹ *Ibidem*

⁶⁰ *Ibidem*

⁶¹ *Ibidem*

compostos da *cannabis*, porém, continuam vetados.

Esses avanços, no entanto, não se dão de maneira uniforme no mundo. Enquanto na Europa e nos EUA tal questão se apresenta mais avançada, no Brasil, raros são os casos de atletas que utilizam a *cannabis*. Um desses casos é o do atleta capixaba Bruno Altoé⁶⁴, ex-atleta da Seleção Brasileira de Judô, atleta de Jiu-Jitsu e campeão mundial em 2024. Hoje, ele é patrocinado pela Carmen's Medicinal, empresa que promove produtos de terapia canabinoide, uma vez que o esporte profissional gera consequências na saúde física e mental.

Altoé afirmou que o uso do CBD resolveu diversos problemas. Acabou com a insônia, que era decorrente dos treinos à noite; tratou a azia crônica; e auxiliou na recuperação dos treinos. Consequentemente, o retirou do ciclo vicioso dos medicamentos alopáticos, como anti-inflamatórios e relaxantes musculares. Fato importante, pois os remédios alopáticos podem causar, se utilizados em grande regularidade (que é o que ocorre com atletas e pessoas com doenças crônicas) a dependência, a obesidade, o “sono artificial” (sem qualidade), a perda de memória e demais consequências. O atleta, em entrevista, afirmou: “Tenho uma vida muito melhor, muito mais saudável e tenho muito mais performance dentro do esporte.”

Apesar dessa relevância terapêutica, o que prevalece hoje é, sem dúvida, o preconceito, a

⁶⁴ ALTOÉ, Bruno. A trajetória no esporte e o uso de CBD em atletas. Vitória, 2024. Entrevista concedida a Ana Carolina de Paula Simões.

desinformação e as dificuldades de acesso à *cannabis*, sendo uma das principais a burocracia. A utilização desses medicamentos, por exemplo, deve possuir aprovação de pedido pela Agência de Vigilância Sanitária. Além disso, segundo a legislação brasileira, a importação, a fabricação e a prescrição para fins medicinais devem seguir uma série de requisitos e procedimentos segundo a RDC nº 327⁶⁵, que, se por um lado, asseguram certa segurança e a qualidade, criam também grandes obstáculos para o uso.

Uma das consequência dessa legislação sobre drogas é o alto preço dos medicamentos, causado pela necessidade de importação. Entretanto, existem ONGs criadas recentemente com o intuito de promover o acesso do medicamento às famílias de baixa renda e que, além disso, fomentam pesquisas. Um exemplo disso é a Abrace Esperança, que foi autorizada pela justiça, em 2017, para o cultivo e o fornecimento dos derivados da *cannabis*.⁶⁶

Outra iniciativa relevante é aquela planejada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Nos planos da instituição, está prevista a criação de um centro de testes de *cannabis*, fruto de uma parceria interdisciplinar entre médicos, psiquiatras, psicólogos e químicos. Esse centro

⁶⁵ BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada N 327. Diário Oficial da União, Poder executivo, Brasília, DF, 11 dez. 2019. Seção 1, p. 194. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-da-diretoria-colegiada-rdc-n-327-de-9-de-dezembro-de-2019-232669072>. Acesso em: 15 maio. 2024.

⁶⁶ Abrace Esperança. Disponível em: <https://abracesperanca.org.br/>. Acesso em: 16 maio 2024.

terá como objetivo realizar testes e certificar a qualidade de medicamentos à base de CBD⁶⁷.

Além disso, a possível legalização da *cannabis* implicaria não apenas em avanços no campo medicinal, mas também em significativos ganhos econômicos. Pesquisas indicam que a legalização promoveria um aumento do emprego nos setores agrícola e comercial, impulsionados pela abertura desse novo mercado lucrativo⁶⁸. Adicionalmente, estima-se uma arrecadação de R\$8 bi em impostos no período de quatro anos após a legalização⁶⁹.

Por todas essas razões, não podemos chegar à outra conclusão que não a inadequação da atual política de drogas para o trato dessas problemáticas. Da segurança à saúde pública, a solução é a legalização.

*“Me contem, me contem aonde eles se escondem
Atrás de leis que não favorecem vocês
Então por que não resolvem de uma vez?
Ponham as cartas na mesa e discutam essas leis”*

Mantenha o respeito - Planet Hemp

⁶⁷ NUNES, Aline. **Ufes planeja centro para desenvolver remédios e teste de canabidiol**. A gazeta, 2024. Disponível em:

<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/ufes-planeja-centro-para-desenvolver-remedios-e-teste-de-canabidiol-0524>.

Acesso em: 16 maio 2024.

⁶⁸ SÓTER, Cecília. **Legalização da maconha aumenta oportunidades de emprego no setor agrícola**. Correio Braziliense, 2023. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/01/5-063489-legalizacao-da-maconha-aumenta-oportunidades-de-emprego-no-setor-agricola.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

⁶⁹ DIAS, Gabriel. **Quanto o Brasil poderia arrecadar em impostos com a legalização da maconha?** UOL, 2023. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/09/16/quanto-o-brasil-poderia-arrecadar-em-impostos-com-a-legalizacao-da-maconha.amp.htm>. Acesso em: 15 maio 2024.

Entrevista com Bruno Rodrigues Altoé

Ana Carolina de Paula Simões



Ex-atleta da Seleção Brasileira de Judô, e atualmente atleta de Jiu-Jitsu. Campeão brasileiro, campeão europeu, campeão pan-americano e campeão mundial de Jiu-Jitsu no ano de 2024.

Entrevista realizada com o atleta capixaba de Jiu-Jitsu Bruno Rodrigues Altoé, no dia 03/05/2024, pela petiana Ana Carolina de Paula Simões, como fonte de pesquisa para a Resenha Econômica n° 385: “*Cannabis*: uma questão de saúde pública”⁷⁰ disponível no site do Programa de Educação Tutorial de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo.

1. Como foi sua trajetória dentro do esporte?

⁷⁰ Os petianos Ana Simões e Gabriel Santos discutem o uso medicinal da *cannabis* e seus impactos positivos na saúde pública. A resenha aborda brevemente a história do uso da maconha, os interesses que motivaram a sua proibição, a eficácia terapêutica, as barreiras atuais ao seu uso e potenciais benefícios da legalização.

“Eu me chamo Bruno Rodrigues Altoé, sou ex-atleta da Seleção Brasileira de Judô, e atualmente sou atleta de Jiu-Jitsu, tenho como principais títulos: campeão brasileiro, campeão europeu, campeão pan-americano e campeão mundial de Jiu-Jitsu no ano de 2024. Venho fazendo uma campanha muito boa, sendo campeão brasileiro e campeão pan-americano. Iniciei a minha carreira no esporte com 13 anos de idade, por meio da influência de um amigo da escola, e estou até hoje em alto nível. O que eu mais amo é estar no tatame, estar me desenvolvendo não só como atleta, mas também como pessoa. Eu sou natural de Vitória, Espírito Santo. Comecei o judô na Academia Yamate, que é uma academia muito tradicional aqui de Vitória⁷¹. A partir daí, minha trajetória se iniciou no judô. Com dois anos de prática, eu já fui integrante da Seleção Brasileira juvenil, disputei três campeonatos mundiais na categoria Júnior. Disputei também, dois Mundiais Júnior e um Universiad, que é o Mundial Universitário, depois fui como reserva em duas Olimpíadas. Na Olimpíada de 2008, em Pequim, e na Olimpíada de 2012, em Londres. A partir daí, fiz a transição para o Jiu-Jitsu.”

⁷¹ Capital do Espírito Santo.

2. Porque e como surgiu essa parceria de patrocínio com a Carmen's Medicinals⁷²?

“A minha parceria com a Carmen's, que é uma empresa de CBD⁷³, começou no ano de 2021, no ano em que eu fui campeão mundial de jiu jitsu na faixa roxa. Conheci a empresa Carmen's Medicinals através de um evento que teve em São Paulo, na área médica, onde eu tive a oportunidade de conhecer o *stand* da empresa, que estava sendo exposto neste evento. E aí eu conheci o Ricardo, o Juan Romero, que são os donos, um dono da Carmen's Medicinals USA e outro dono da Carmen's Medicinals Brasil, e o diretor comercial, o Marcelo. Tive a oportunidade de conhecê-los e ali já começou a parceria, que passou a migrar para um patrocínio. Hoje em dia, a patrocinadora arca com todas as minhas despesas de viagens e faz com que eu tenha a oportunidade de disputar os principais campeonatos do mundo, além de me ajudar muito na minha parte fisiológica, com o uso dos produtos, me ajuda também na parte

⁷² A Carmen's Medicinals é uma empresa de tratamento cannabinoide, fundada em 2018 por Juan Romero nos Estados Unidos. Atua em todas as fases de produção, do plantio da Cannabis Sativa até a fabricação e também realiza pesquisas. Os produtos são importados para o Brasil de acordo com os pedidos de pacientes que estão com prescrição médica, passam por um processo de análise de documentação e aprovação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Tem o objetivo de promover a medicina preventiva, fazer parte do tratamento de patologias desde o início até fases mais avançadas e melhorar a qualidade de vida, principalmente pessoas com doenças crônicas, como o câncer.

⁷³ Canabidiol, utilizado no tratamento de epilepsia, esquizofrenia, doença de Parkinson, doença de Alzheimer, distúrbio de ansiedade, isquemias, entre outros.

financeira, nas minhas despesas de viagens para campeonatos.”

3. Você vê diferença na sua saúde e performance de antes e depois do CBD? Quais foram os benefícios? Quais medicamentos e procedimentos você deixou de utilizar por conta do CBD?

“O uso do CBD, para mim, foi como um efeito cascata. Antes, eu caía no ciclo vicioso de remédios alopáticos⁷⁴ que todo atleta acaba caindo, que é a utilização de anti-inflamatórios e relaxantes musculares para dor muscular, e fazia uso também de hipnótico para indução de sono quando eu estava muito agitado dos treinos. Eu também tinha um problema de azia crônica e utilizava o pantoprazol. Esses remédios faziam parte da minha vida, causavam um dano no meu organismo gigantesco e eu sentia isso no meu dia a dia. Ocorria a perda de performance por conta da utilização de remédios alopáticos. E aí comecei a utilização do recurso CBD, primeiro, com óleo e com a pomada, então, após um tempo, passei a utilizar a pomada local e o óleo antes de dormir.

O primeiro efeito foi a melhora do sono. Uma melhora radical no meu sono. Por treinar à

⁷⁴ Remédios alopáticos são muito comuns e são os que produzem efeitos contrários aos da doença, como anti-inflamatórios, antialérgicos e relaxantes musculares. “Podem causar, se utilizados em grande regularidade (que é o que ocorre com atletas e pessoas com doenças crônicas) a dependência, a obesidade, o “sono artificial” (sem qualidade), a perda de memória e demais consequências.”(*Cannabis: uma questão de saúde pública*. PET economia UFES, 2024.)

noite e, às vezes, ficar um pouco agitado, eu tinha dificuldade para dormir. Como os meus treinos sempre foram para alta performance, treinos muito intensos, tanto de Jiu-Jitsu, quanto de preparação física, me deixavam agitado. Então, (o CBD) regulou o meu sono e começou a me ajudar na minha recuperação muscular. Eu percebi que eu tinha um *recovery* muito melhor de um dia para o outro utilizando o óleo. Além disso, uma coisa que regulou foi a minha azia. Eu, literalmente, parei de sentir azia. Parece que tinha alguma coisa desregulada no meu organismo e, com a utilização do CBD, fez essa modulação e acabou me beneficiando de várias maneiras. Atualmente, eu não tomo mais nenhum remédio alopático, só faço utilização do CBD regularmente. Tenho uma vida muito melhor, muito mais saudável e tenho muito mais performance dentro do esporte.”

4. Como está sendo o uso do CBD hoje para atletas de Judô e Jiu Jitsu em um cenário mundial em comparação ao brasileiro?

“Hoje em dia, a gente vê o CBD em uma trajetória de franca expansão no cenário mundial. No Brasil, ainda está um pouco devagar, pois ainda há muita burocracia, um exemplo disso, é o fato de ser preciso a autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para poder fazer uso do CBD. Mas, já na América (EUA) e na Europa, a gente consegue comprar o óleo, pomada nos supermercados e nas farmácias com vendas livres. Tem muita utilização em modalidade radical, modalidade de impacto, como judô,

jiu-jitsu, futebol americano, *rock*, *crossfit*, *motocross*, moto habilidade, todas as modalidades que geram dor, trauma, impacto, que trazem alguns efeitos colaterais, o CBD está sendo muito utilizado como uma forma conservadora de você fazer um tratamento no seu corpo e tende a crescer cada vez mais. Cada ano que passa a utilização das pessoas aumenta.”

- Comentário adicional à entrevista.

“Agora, fazendo um adendo, tem uma indústria que não fica nada feliz com a expansão do mercado CBD, que é a indústria de medicamentos, a indústria do fármaco. Por quê? Uma pessoa que deixa de utilizar cinco remédios fármacos para utilizar apenas um deixa de alimentar a indústria em larga escala, à medida que as pessoas forem aderindo e forem diminuindo o consumo de bens diazépínicos⁷⁵, de anti-inflamatórios, de ansiolíticos, de relaxantes musculares, de remédios para azia, de remédios para várias patologias, como a

⁷⁵ Os Benzodiazepínicos são um grupo de medicamentos que atuam por meio da diminuição da atividade de vários neurotransmissores do cérebro, resultando em uma percepção de relaxamento mental, corporal e sono. São muito utilizados para o tratamento de epilepsia. Alguns exemplos são clonazepam, diazepam, midazolam. Porém, esses medicamentos apresentam sintomas de dependência e síndrome de abstinência com a parada abrupta, além da redução da eficácia com o uso prolongado. Afeta significativamente quem tem que usar de forma contínua causando efeitos adversos, como déficit cognitivo e demência.

AGATTI, Stefano. Benzodiazepínicos: poderosos populares e perigosos. Farmacológica. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/farmacologica/2020/11/11/benzodiazepinicos-poderosos-populares-e-perigosos/> Acesso em 13 de jun. 2024.)

fibromialgia, o câncer, o Alzheimer e milhares de patologias que podem ser tratadas através do CBD. Então, eu vejo o entrave que a indústria farmacêutica faz para tornar cada vez mais difícil, aqui no Brasil, o acesso aos produtos do CBD.

O PET Economia/UFES e a petiana Ana Simões expressam seu profundo agradecimento ao Bruno Altoé pela entrevista concedida e pela valiosa contribuição oferecida.